

Primórdios da designação da teologia de Paul Tillich como “apologética”

Eduardo Gross*

RESUMO

No decorrer de sua atividade teológica, são várias as vezes em que Paul Tillich designa seu próprio estilo teológico com o termo “apologética”. De forma geral, com isto sua intenção é enfatizar o caráter dialógico de seu pensamento em relação aos desafios colocados pela perspectiva moderna para a teologia, tanto em sua dimensão intelectual quanto existencial. Bem no início de sua trajetória, entretanto, o caráter apologético de sua teologia foi colocado em ação numa dimensão prática junto com outros teólogos e pastores em uma série de conferências, marcadas por uma boa dose de idealismo, por uma visão elitista e por uma percepção forte da importância do pluralismo religioso do início do século 20. Refletir sobre as ambiguidades deste experimento pode ser um elemento complementar na compreensão da designação de “apologética” para a sua teologia.

Palavras-chave: Apologética; jovem Tillich; teologia moderna.

BEGINNINGS OF THE DESIGNATION OF THE THEOLOGY OF PAUL TILLICH AS “APOLOGETICS”

ABSTRACT

During his theological activity, Paul Tillich often calls his own theological style “apologetic”. Thereby his intention is generally to emphasize the dialogical character of his thought regarding the challenges that the modern perspective offers for theology, both in intellectual and in existential realms. Early in his trajectory, however, the apologetic character of his theology was enacted in a practical dimension with other theologians

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF).

and ministers, with a series of conferences whose idealist, elitist traces are visible, as also the recognition of religious pluralism as an important reality of the beginning 20th century. To reflect about the ambiguities of this experiment may be an auxiliary element in order to understand the designation of his theology as “apologetic”.

Keywords: Apologetics; young Tillich; modern theology.

1 O intento teórico e prático de uma atividade apologética por Tillich

Apologética é um termo tradicional na teologia desde a Antiguidade. A defesa da fé, conduzida na forma de argumentação racional, pode ser considerada o próprio início da teologia em sua vertente cristã. Com o advento da modernidade, e particularmente diante do Iluminismo, a apologética cristã passa a se empenhar também na discussão com a ciência. Este processo não deixa de apresentar pontos negativos. Talvez o mais sério deles, e que é apontado pelo próprio Tillich (TILLICH, 1957, p. 81), é que particularmente na época moderna a defesa do cristianismo ia se fundamentando cada vez mais nos âmbitos ainda não totalmente esclarecidos pela ciência - e à medida que alguma dessas bases frágeis era esclarecida, a apologética recuava em direção a algum outro ponto obscuro. Este caminho ainda é tentado por muitos, infelizmente, por exemplo em tentativas de relacionar a teologia com a física quântica. Tal processo fez o próprio termo *apologética* cair em certo descrédito, como se fosse uma atividade destinada a simplesmente oferecer provas da verdade cristã a qualquer preço. Acresce-se a isso, por outro lado, a tendência relativista que vem ganhando corpo na intelectualidade média. Defender o cristianismo parece algo que não é de bom tom, dadas as conhecidas mazelas da história do mesmo. Diante do reconhecimento do pluralismo religioso, por sua vez, apologética parece ser um modo disfarçado de manter uma posição arrogante ou intolerante, e no limite uma dominação institucional.

Apesar disso, Tillich sustenta em diversos momentos de sua atividade reflexiva a necessidade de uma teologia apologética e caracteriza a sua própria elaboração teológica como tal. (TILLICH, 1951, p. 31). Ao fazê-lo, Tillich não visa reproduzir nem uma defesa anti ou pseudo-científica, nem manter uma simples posição de domínio institucional do

cristianismo diante de outras expressões religiosas, mas tenta recuperar a visão antiga de apologética enquanto sustentação argumentativa da fé cristã diante dos desafios variados que a racionalidade lhe coloca - agora dentro dos novos parâmetros estabelecidos pela modernidade.

Essa visão geral da concepção de apologética em Tillich pode ser iluminada por meio da análise de um de seus mais antigos textos, *Kirchliche Apologetik*, de 1912. Ele está nesta época com 26 anos de idade, concluiu seu doutorado recentemente e é nesse ano que ocorre sua ordenação ao ministério. Apesar disso, no anexo I o texto expressa que já estava trabalhando na sua elaboração há anos (TILLICH, 1972 [1912], p. 59). Trata-se de um texto em princípio teórico, que fundamenta a necessidade da apologética dentro do contexto em que ele vive. Mas, simultaneamente, é uma elaboração pensada em função de uma atividade eminentemente prática que de fato é desenvolvida, constando dele dois anexos: uma avaliação dos eventos realizados e uma cópia do convite distribuído para a divulgação dos mesmos. O próprio texto afirma que a atividade apologética deve ter estas duas dimensões (TILLICH, 1972 [1912], p. 35), sendo o apologeta em princípio o responsável pela elaboração teórica fundamental e seus colaboradores pessoas engajadas na dimensão prática de sua realização. De fato, no convite anexado ao texto constam como colaboradores nos eventos acontecidos a partir do programa idealizado teoricamente os pastores Dr. Phil. Richard Wegener e Eduard Le Seur, ambos em Berlim, como o autor, na época. Os eventos são chamados de *Vernunft-Abenden* (noitadas da razão), e são assim caracterizados:

Convites para discussões públicas livres são distribuídos para pessoas instruídas (*Gelehrten*). Os pastores que colaboraram nos eventos conseguiram salões para em torno de 50 pessoas. As reuniões se elaboraram com uma distribuição de teses, uma exposição inicial não muito longa por parte do conferencista responsável (que na maioria das vezes é o próprio Tillich, mas em várias ocasiões são os outros pastores) e a duração total é de aproximadamente duas horas. Os temas tratados são: 1. A situação atual do pensamento e seus pressupostos históricos; 2. A coragem para a verdade (*Mut zur Wahrheit*); 3. As objeções da dúvida; 4. Mística artística e mística religiosa; 5. Mística e consciência de culpa; 6. Redenção; 7. Um evento aberto para exposição de um opositor; 8.

Cultura e religião. Quatro séries de eventos são organizados: a) Uma primeira experiência ocorre com um grupo formado por vários artistas, havendo também comerciantes, senhoras da alta sociedade, estudantes, filósofos, juristas; há a presença de alguns judeus e católicos. As discussões neste grupo são descritas como fortes e antitéticas. b) Um segundo grupo se encontra na sede dos monistas, de modo que muitos deles participam, inclusive o presidente da Associação de Monistas de Berlim que atua como opositor. Há também presença de membros da teosofia, e Goethe é figura autoritativa nas argumentações. c) Outro grupo é formado principalmente por juristas e alguns oficiais, e o tom é mais lógico-dialético. d) Um quarto grupo tem um caráter mais cristão, se voltando a questões internas ao cristianismo. Aqui Johannes Müller é figura autoritativa na argumentação. A avaliação geral do processo é bastante positiva no relatório (TILLICH, 1972 [1912], p. 59-60).

Apesar de a parte teórica apresentar os fundamentos para esta atividade prática, no próprio texto fica claro que os eventos servem de base para aprimoramentos desta proposta. A partir disso, é possível perceber uma formulação alternativa a respeito dos frequentadores deste evento na descrição inicial sobre quem o apologeta deve esperar nos encontros: monistas, defensores da cultura ética, adeptos da teosofia, cientistas, espíritas (TILLICH, 1972 [1912], p. 49).

2 A teoria da apologética

A perspectiva geral que norteia o texto é de que com a situação que se estabeleceu na modernidade, a pregação da igreja cristã perdeu penetração no âmbito das pessoas instruídas (*Gelehrten*). A apologética teria, nesse contexto, a tarefa de reconquistar para a mensagem cristã a centralidade na vida espiritual - mas isso não no sentido de buscar conversões individuais, e sim de recolocar a mensagem cristã no centro da vida cultural (TILLICH, 1972 [1912], p. 41-42). Para Tillich, isto é condição para se evitar o esfacelamento da cultura, à qual faltaria uma visão abrangente (TILLICH, 1972 [1912], p. 36-38). O diagnóstico é elaborado a partir da percepção de várias tendências que estariam demonstrando a busca por algo que pudesse voltar a oferecer uma visão de profundidade das coisas, uma “substância espiritual” (*geistigen Gehalt*):

a) O ideal de uma personalidade estético-aristocrática (Referência a

Nietzsche?); b) A necessidade de se levar em conta o pensamento social (Referência a projetos sociais do liberalismo teológico, a exemplo de Harnack, como reação aos movimentos proletários? É importante lembrar que Tillich em suas memórias fala que só durante a Primeira Guerra Mundial se contrapôs aos ideais conservadores do Império Alemão); c) A crítica ao pensamento geral (Referência à falta de profundidade da nova cultura de massas e seu senso comum?). d) A abertura à mística e à profundidade. Cada uma dessas tendências, entretanto, é percebida como fragmentadora, à medida que umas se opõem às outras. À apologética caberia mostrar a capacidade integradora que a mensagem cristã possibilita diante deste quadro (TILLICH, 1972 [1912], p. 38).

Fundamental é compreender o objetivo da apologética. Como não se trata de reconquistar um domínio simplesmente institucional, a postura de autoridade do apologeta e de seus auxiliares tem de ser evitada. O convencimento deve ocorrer pela argumentação, sem apelo a sentimentalismo ou outros subterfúgios (TILLICH, 1972 [1912], p. 47). A esse processo de convencimento se conjuga a compreensão: “Em cada ato de compreensão já há um momento de convencimento e, dito de modo absoluto, estar completamente convencido e compreensão completa se identificam.” (“In jedem Verstehen liegt schon ein Moment des Überzeugtseins und - absolut gesprochen - decken sich vollkommenes Überzeugtsein und vollkommenes Verstehen.” - TILLICH, 1972 [1912], p. 39). Tal conjugação entre convencimento e compreensão mostra como Tillich está ele próprio convicto de que a apologética cristã deve ser “expressão de uma realidade viva” (“Ausdruck einer lebendigen Wirklichkeit” - TILLICH, 1972 [1912], p. 40). O caráter fragmentário desta realização é expresso através da interpretação tillichiana da doutrina da justificação - toda a tarefa está constantemente sob o sim e o não, o que permite a convicção quanto à verdade significativa das proposições cristãs fundamentais e a sua simultânea relativização diante de pretensões absolutistas frente aos novos conhecimentos científicos.

É tentador enxergar nessa proposta de Tillich uma re-edição dos discursos de Schleiermacher aos que, dentre as pessoas cultas, desprezam a religião. Quando Tillich afirma que o objetivo é alcançar “as pessoas espiritualmente vivas, instruídas e distantes da igreja” (“*geistig lebendigen, kirchenfremden Gebildeten*”), parece que se está diante de

um público alvo bastante semelhante. Talvez o acento nos “*espiritualmente vivos*” revele algo de próprio na proposta tillichiana (TILLICH, 1972 [1912], p. 43). Tanto as pessoas assoberbadas pela preocupação com o seu trabalho, as que encontram um tipo de espiritualidade substituta na arte, e ainda as que não se preocupam com o âmbito do espírito (no sentido amplo que o termo tem em Tillich) não fazem parte deste público alvo. Em verdade, o alvo é a própria cultura como um todo. Os “*espiritualmente vivos*” são as personalidades com capacidade de dinamizar a vida cultural. Esta cultura, por sua vez, é pressuposta como sendo uma cultura cristianizada (TILLICH, 1972 [1912], p. 43-44). Percebe-se que a perspectiva é a de que o distanciamento individual do cristianismo é expressão de uma alienação que ocorre em relação à fonte a partir da qual a cultura em questão foi gerada. A apologética visa, neste caso, reapresentar esta fonte de uma forma que ela seja reconhecida enquanto tal, possibilitando assim uma revitalização da tradição e uma superação do perigo que a fragmentação em curso pode significar para uma vida cultural plena e profunda.

A partir destes objetivos, também ficam claros os limites que se estabelecem para a apologética (TILLICH, 1972 [1912], p. 45-47). O primeiro é que se trata de uma empreitada em que o âmbito teórico é o privilegiado. A escolha do público alvo (“*Gebildete*”), a metodologia expositiva e argumentativa, o modelo do debate - respeitoso, mas, simultaneamente, polêmico -, e a pretensão de demonstração da verdade da mensagem espiritual cristã apontam para isso. Não se deve pensar que isso signifique uma total supervalorização da racionalidade por parte de Tillich. Entretanto, de fato ele aponta que não se pode simplesmente desprezar o âmbito da racionalidade argumentativa, e a apologética é um espaço em que esta desempenha um papel central. O segundo limite é intrínseco à interpretação do cristianismo feita por Tillich: a apologética não significa simplesmente uma comprovação racional da mensagem cristã. Mesmo que ela tenha esta pretensão, ela não pode realizá-la, porque sendo cristã ela está sob o sinal do sim e do não da justificação, que não é ato racional nem humano. O objetivo com a exposição racional é alcançar os paradoxos da razão, e, a partir daí, se defrontar com o paradoxo da fé. E para Tillich está claro que aí há um passo a mais, que não depende do convencimento

racional. A fé não é criada pela argumentação. Esta só pode levar a pessoa humana ao limiar da fé, cuja realização não depende mais do humano. Nesse sentido, a tarefa racional da apologética é antes a da destruição da auto-suficiência humana, que Tillich vê exemplificada nas elaborações escolásticas, no pragmatismo, no esteticismo subjetivista e, com algum destaque no texto em questão, no ceticismo. Assim, este segundo limite da apologética se encontra no paradoxo. Nele cessa o pensamento e inicia a ação - no caso, a fé, que não é ação da argumentação, mas de Deus.

Já se encaminhando para as considerações práticas, mas ainda muito fundamental para se perceber o âmbito cultural privilegiado pela proposta apologética de Tillich, é o elenco de autores e disciplinas privilegiados para a discussão. Ao contrário da onda apologética que se confrontava com a ciência, como se via no século 19, ele enxerga os desafios do seu tempo primordialmente no âmbito espiritual (no sentido amplo do termo, na cultura). Percebe-se aqui uma intuição que se alimenta dos últimos desenvolvimentos reflexivos do século 19 e adianta temas fundamentais do século 20. História, literatura e estética são matérias fundamentais. Goethe, particularmente por ser um auto-designado pagão que expressa de modo especial a cultura alemã, merece um privilégio na discussão. Outros autores referidos são: Johannes Müller, Carlyle, Kierkegaard, Tolstoi, Naumann, Ellen Key, Maeterlinck, Chamberlain, Nietzsche, Bölsche. Também a filosofia popular, a aforística e a ética social são mencionadas como temas relevantes. Entretanto, o tratamento deste material deve ser feito a partir de um rigoroso domínio da filosofia e das disciplinas particulares que a compõem. Pois, para Tillich, “aqui se trata da coisa propriamente dita” (“denn hier geht es um die Sache selbst” (TILLICH, 1972 [1912], p. 49). Novamente, percebe-se que o olhar de Tillich está atento para os principais temas e autores que influenciam o mundo espiritual de seu tempo, mas ele simultaneamente acredita que não é uma discussão particularizada com estes temas e autores que pode significar uma renovação espiritual. Esta pressupõe uma compreensão sistemática da realidade, de modo que o tratamento filosófico do conjunto das expressões espirituais da época é que se revela o essencial.

3 A prática apologética

Para além da experiência concreta conduzida por Tillich com o auxílio dos seus colaboradores, ele teoricamente também traça uma série de diretrizes sobre a vinculação da apologética com a prática eclesial. Isto porque, para ele, ela é uma tarefa geral da igreja, devendo estar presente nas mais diversas atividades a fim de cumprir o seu papel de transformar a vida espiritual da cultura de modo a torná-la o centro irradiante ou ardente da vida espiritual - “*Brennpunkt des geistigen Lebens*” (TILLICH, 1972 [1912], p. 42).

A particularidade argumentativa que caracteriza a apologética faz com que Tillich a distinga da atividade pastoral em geral, que inclui uma dinâmica que torna difícil a conciliação com a dedicação específica necessária para uma apologética suficientemente bem fundamentada intelectualmente. Isso tendo em vista o leque de conhecimentos que deve ser dominado por parte do apologeta. Por outro lado, a vinculação institucional representa outro empecilho para uma sobreposição entre o ministro eclesial e o apologeta. Considerando o clima de desconfiança em relação às estruturas institucionais por parte das pessoas instruídas, há uma resistência psicológica natural à argumentação que prejudica um efetivo diálogo. Estas duas limitações, entretanto, de modo algum impedem que ministros participem de eventos apologéticos. Nesse sentido, pelo contrário, eles são colaboradores fundamentais, uma vez que representam a posição cristã, e devem fazê-lo diante de outros que representam outras posições. A reserva de Tillich, portanto, se refere somente à condução geral da argumentação e do processo apologético como um todo (TILLICH, 1972 [1912], p. 50-51).

Um espaço privilegiado para a prática apologética é a escola, particularmente em suas classes mais adiantadas. Tillich chega a dizer que isto é tão importante que deveria ser uma prioridade eclesial e mesmo nacional! As classes mais adiantadas são privilegiadas em função do caráter argumentativo que caracteriza a apologética. Nesse sentido, há uma clara distinção na proposta em relação ao tradicional ensino religioso. Além disso, a tarefa apologética pressupõe uma gama de conhecimentos já adquiridos pelos alunos, de modo que em séries inferiores não faz ainda sentido o desenvolvimento desta prática. Característico, nesse sentido, é que Tillich recomende que se busque

aprofundar o conhecimento filosófico nessas classes, uma vez que este tem um caráter propedêutico indispensável para a boa condução da apologética eclesiástica. Esta exposição a respeito da apologética na escola não deixa dúvidas quanto à ênfase que ele coloca na filosofia e na argumentação racional como os instrumentos fundamentais da tarefa proposta. Há, entretanto, mais uma marca que fica bem clara nesse contexto: a opção é voltada para a educação das camadas que se tornarão as lideranças da sociedade. Trata-se de desenvolver nelas o senso de profundidade necessário para a percepção da dimensão espiritual como essencial à vida social. (TILLICH, 1972 [1912], p. 51). Assim, com a sua apresentação sobre a apologética na escola o caráter aristocrático da proposta tillichiana fica bem evidente.

No âmbito público, a proposta elaborada tece considerações sobre diversos âmbitos. Um é o de reuniões do tipo que ele e seu grupo realizaram, e que já foi apresentado acima. Um outro âmbito que ele considera é o da participação em entidades de tipos diversos. Trata-se de associações e organizações da sociedade, de cunho profissional, recreativo ou estudantil, por exemplo, para as quais o apologeta pode ser convidado ou nas quais ele pode buscar sua inserção. Por outro lado, um terceiro âmbito é o da participação em grupos e eventos dedicados à crítica da igreja e do cristianismo. A função desta participação é justamente a de oferecer um contraponto a estas posturas a partir da elaboração aprofundada da percepção que o apologeta adquire da vida espiritual de seu tempo. Com isso ele visa superar a crítica rasa à instituição e ao cristianismo, levando a discussão a um patamar superior (TILLICH, 1972 [1912], p. 54-55).

Em toda esta dimensão prática geral, Tillich privilegia a palavra utilizada na argumentação pessoal. As considerações que ele faz sobre a literatura apologética não deixam de mostrar sua importância, mas o encontro pessoal tem clara precedência. Ele não tece muitas considerações sobre a razão desta opção no que se refere ao evento dialógico em si, as razões que apresenta são mais relacionadas aos limites intrínsecos da argumentação literária e da literatura já existente. Mas talvez se possa conjecturar que num tempo em que a institucionalização eclesiástica tenha levado a uma despersonalização da mensagem cristã, o encontro vivo precisa ser recuperado. Além disso, o texto deixa

uma forte impressão de que os representantes da visão cristã devem se mostrar com coragem diante dos desafios modernos e das críticas que lhe são dirigidas. Limitar-se a publicações pode denotar um temor da publicidade que é o contrário da revitalização cultural que está no horizonte da proposta. Outra consideração que merece ser aventada é que a desconfiança das classes instruídas em relação ao discurso eclesiástico torna plausível que uma apologética literária nem seja procurada por parte dessas classes. Apesar de tudo isso e das críticas que tece a respeito da literatura apologética existente - pouco sistemática, dispersiva, ocasional - ele defende a produção de um novo tipo de literatura, afim à proposta feita no texto. O que faz falta é uma literatura apologética de apoio para as atividades sugeridas por Tillich. Além disso, também um periódico destinado às questões apologéticas candentes do momento é algo oportuno (TILLICH, 1972 [1912], p. 55-57). Particularmente interessante é o cuidado que Tillich sugere quanto à literatura teológica. Ele percebe que a teologia é geralmente desprezada pelas pessoas instruídas, ao mesmo tempo que têm um enorme interesse velado por ela. Assim, deve-se evitar apresentar a teologia no princípio, e ela deve aparecer sob uma forma inovadora e como um ponto alto, de modo que depois se perceba que tudo era teologia desde o início. Objetiva-se mostrar que havia uma imagem errônea da teologia, e “que ela de fato é simultaneamente o mais elevado e o mais profundo que pode ocupar o espírito humano” (“[...] daß sie in der Tat das Höchste und Tiefste zugleich ist, was den Menschengestalt beschäftigen kann.” - TILLICH, 1972 [1912], p. 49).

As últimas considerações práticas dizem respeito à pessoa do apologeta. Este deve ser alguém que tenha tempo disponível para a preparação teórica exigida pela tarefa proposta. Ao mesmo tempo, a apologética não deve se tornar uma profissão! O objetivo é evitar que as demandas inerentes à vida profissional tomem o lugar da tarefa em si, que é a defesa argumentada do cristianismo. Para a efetivação da proposta, um grupo de colaboradores, entre os quais se deve contar também com leigos, é necessário. Por fim, a relação com a igreja deve ser a de uma permissão oficial para a atuação, mas sem uma vinculação que gere nem burocracia e nem submissão, fiscalização ou exame prévio da argumentação desenvolvida. Todas essas situações configurariam

uma intromissão institucional que feriria o âmago da proposta que é a argumentação livre e dialógica do apologeta com os representantes da crítica ao cristianismo (TILLICH, 1972 [1912], p. 57-58).

Algumas considerações específicas sobre estas propostas práticas gerais são oportunas aqui, uma vez que elas são formuladas de modo mais abstrato e não passaram pelo experimento dos eventos realizados, não merecendo tanto peso nas considerações reflexivas abaixo. As marcas principais que se encontram nesse esboço são o ideal da penetração da defesa do cristianismo na cultura em geral, a postura corajosa que é exigida do apologeta e da igreja que é chamada a se empenhar nessa tarefa, o caráter argumentativo e filosófico da empreitada e a perspectiva aristocrática que a permeia. A desconfiança que as camadas esclarecidas sentem em relação à instituição eclesiástica é pressuposta o tempo todo, de modo que a maioria das considerações de cunho pedagógico e psicológico visam a superação dessa barreira.

Considerações reflexivas

É extremamente instigante tomar conhecimento do esboço de apologética do jovem Tillich. É curioso encontrar algumas idealizações que em parte foram superadas, em parte continuaram alimentando as esperanças do pensador mais maduro. É interessante notar temas que se revelam pontos de partida para elaborações bastante complexas com o decorrer do tempo. É um tanto perturbador ver a ambiguidade intrínseca dessa personalidade que por um lado questiona e por outro lado exemplifica a postura que o próprio Tillich descreve quando apresenta uma imagem de si anterior à experiência da Primeira Guerra Mundial simplesmente como um jovem romântico conservador e patriota.

São evidentes as idealizações com relação à possibilidade de uma interferência na vida cultural a partir de debates argumentativos em salões destinados a uma elite intelectual. É verdade que ainda não se está, então, numa sociedade em que o rádio e os posteriores meios de comunicação de massa desempenhem o papel que terão em breve. Mesmo assim, a imprensa já é espaço da polêmica. É verdade, também, que a crença no poder do convencimento pessoal, através do encontro interpessoal, tem um papel nesta idealização. O debate vivo, nesse sentido, é mais significativo do que o debate abstrato dos periódicos. Mas,

ainda assim, o alvo de transformação da cultura por esse meio parece um ideal improvável, e ainda o será mais em breve, com o processo acelerado de massificação. Só se a proposta prática geral (cf. ponto 3) imaginada por Tillich pudesse ser encampada massivamente pela igreja e pelo estado se poderia pensar em algum efeito perceptível, embora de certo não ao ponto desejado por ele. Por outro lado, a experiência que Tillich relata poucos anos depois, do encontro com as classes populares nas trincheiras da guerra, revela o horizonte estreito em que esta primeira proposta de apologética foi formulada. E, apesar de toda esta estreiteza, ainda assim é preciso se perguntar sobre o quanto o público alvo de Tillich de fato mudou no período posterior. A incorporação da sociedade do século 20 no âmbito do seu pensamento se tornou uma realidade clara, mas a argumentação racional e o diálogo com a intelectualidade continuaram pautando suas preocupações.¹

Os temas escolhidos para os eventos apologéticos, por sua vez, são extremamente sugestivos para o reconhecimento de linhas fundamentais de continuidade no decorrer de sua obra. A discussão sobre a situação atual do pensamento e suas raízes históricas trata do desenvolvimento do pensamento moderno, particularmente do Iluminismo, que Tillich constantemente apresenta em obras posteriores como um processo de libertação da razão e de simultânea perda de profundidade e sentido. Como nas obras posteriores, já aqui ele aponta para a ambiguidade deste processo, e para a necessidade de se assumir esta ambiguidade. Aqui “o paradoxo do sim e do não” aparece como a expressão para o reconhecimento desta necessidade de assumir a ambiguidade. O tema da “coragem para a verdade” (“*Mut zur Wahrheit*”) é claramente paralelo ao título alemão de *Coragem de Ser* (“*Mut zum Sein*”), e isso não é coincidência. A coragem de afirmar a existência da verdade, apesar do ceticismo e da fragmentação, é totalmente paralela à coragem de se afirmar o próprio ser, que só aparece como dominado pela angústia e pela fragmentação engendrada pelo mundo. Ser e verdade não são alheios um ao outro, mas expressões da mesma dimensão no pensamento tillichiano, dimensão que atinge tanto o âmbito da reflexão filosófica quanto

¹ Nesse sentido, o pensamento de Tillich encontra um paralelo instigante na obra do jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo e sua proposta de grupos de estudos de teologia aberta para o leigo adulto.

o da vivência espiritual em sentido amplo e da experiência religiosa em sentido particular. O terceiro tema, dedicado à dúvida, é outro que reaparece constantemente na reflexão de Tillich, tanto que nem merece ser detalhado aqui.² Já os temas quatro e cinco, relativos à mística, não são temas cujo desenvolvimento posterior possa ser considerado extremamente significativo. É claro que o próprio Tillich sempre fez questão de identificar sua linhagem teórica com os místicos, mas isso se compreende melhor ao entender os místicos como os portadores da luz que, com o advento do Iluminismo, é a fonte da própria razão. Tal identificação permite a Tillich apontar simultaneamente para a força da razão e para a sua dependência em relação à sua origem transcendente, o que o Iluminismo deixou de reconhecer. Entretanto, para além da reiteração desta noção, não se percebe um desenvolvimento mais profundo dela na obra posterior. Particularmente a relação entre mística e culpa diz respeito ao tema da tese de Tillich sobre Schelling, então recentemente defendida, e que certamente influenciou sua reflexão posterior, mas que também não recebeu mais uma dedicação específica. Por outro lado, a arte, que aparece em conexão com a mística, se conjuga com o tema da cultura, que passará a ser objeto de uma reflexão pormenorizada nos anos subsequentes de sua atividade intelectual na Alemanha e será retomada de modo distinto em sua fase norte-americana. O tema da redenção, por sua vez, em função da formulação sintética que recebe no texto, não torna possível vislumbrar conexões possíveis com os desenvolvimentos futuros, até por se tratar de um tema clássico da doutrina cristã. Em suma, é possível ver nesse texto um esboço de algumas preocupações que, em maior ou menor medida, representam motivos fontais para sua reflexão e se mostram recorrentes em seus textos. Nesse sentido, é surpreendente que um texto breve da juventude já mostre tantos elos com desenvolvimentos posteriores.

No esboço auto-biográfico que Ricoeur elabora por ocasião de uma solicitação editorial, ele afirma que este é um exercício pessoal que nem por isso deve ser considerado mais acurado do que o elaborado por alguém outro (RICOEUR, 1997, p. 13-14). Esta advertência deve nos servir de alerta em relação a qualquer auto-interpretação, inclusive à nossa própria. Ela evidentemente serve também para a leitura dos

² Cf. GROSS, 2001.

esboços biográficos que Tillich elaborou sobre si mesmo. A profunda ruptura existencial que ele relata ter vivenciado na experiência como capelão do exército imperial durante a Primeira Guerra Mundial, cuja principal tarefa foi a realização de alocações diante do desespero da morte iminente e por ocasião de sepultamentos, assim como na experiência da penúria generalizada após a derrota alemã, certamente não deixa de ser verdadeira. Na ocasião, diz Tillich, é que ele toma conhecimento de Nietzsche (TILLICH, 1971, p. 35). Entretanto, o esboço de apologética já cita Nietzsche explicitamente, além de lhe dedicar referências indiretas, muito tempo antes (cf. uma referência direta a mais, além da já apontada acima: TILLICH, 1972 [1912], p. 56). De fato, tanto para Tillich quanto para toda a sociedade alemã e europeia em geral, a experiência da Primeira Guerra Mundial significa o fim de um ideal e a abertura para um mundo bem mais amplo. Entretanto, o mergulho nesse novo mundo não se dá a partir de nenhum lugar. Ele se dá num processo ambíguo de recriação do mundo antigo. Daí que se possa perceber a dinâmica entre continuidade e renovação também na proposta de apologética oferecida pela reflexão de Paul Tillich.

Referências bibliográficas

- GROSS, Eduardo. A justificação de quem duvida: Um exercício hermenêutico com Paul Tillich. *Numen*, v. 4, n. 2, 2001, p. 33-56.
- HARTSHORNE, M. Holmes. **The Faith to Doubt**. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1963.
- RICOEUR, Paul. **Autobiografia intelectual**. Buenos Aires : Nueva Visión, 1997.
- TILLICH, Paul. Auf der Grenze. In: _____. [ALBRECHT, Renate, Ed.] **Gesammelte Werke**. Stuttgart : Evangelisches Verlagswerk, 1971, Bd. XII - Begegnungen, p. 13-57.
- TILLICH, Paul. **Der Mut zum Sein**. Hamburg : Furche, 1965.
- TILLICH, Paul. **Dynamics of Faith**. New York : Harper, 1957.
- TILLICH, Paul. Kirchliche Apologetik. In: _____. [ALBRECHT, Renate, Ed.] **Gesammelte Werke**. Stuttgart : Evangelisches Verlagswerk, 1972, Bd. XIII - Impressionen und Reflexionen, p. 34-63.
- TILLICH, Paul. **Systematic Theology**. Chicago : University of Chicago Press, 1951.